

Índice

Resumo	ii
Abstract	iii
Introdução e objectivos	1
1.A Política Agrícola Comum e a Produção Integrada no Olival	2
1.1.Evolução da Política Agrícola Comum (PAC)	2
1.2.Legislação Comunitária	5
1.3.Legislação Nacional	6
2.Panorama do olival em Portugal	12
2.1.Produção nacional de azeitona e azeite	15
3.Panorama da produção de Portugal na União Europeia	17
4.Descrição da amostra e metodologia seguida	19
5.Cultivares	23
5.1.Arbequina	25
5.2. Cobrançosa	25
5.3.Cordovil de Serpa	25
5.4.Galega vulgar ou galega	26
5.5.Galega Grada de Serpa	26
5.6.Hojiblanca	26
5.7.Picual	27
5.8.Verdeal de Serpa	27
6.Compasso	31
7.Técnicas culturais praticadas	36
7.1.A poda	36
7.2.Conservação do solo	37
7.3.Regas	41
7.4.Fertilização	46
7.5.Pragas, Doenças e Protecção Fitossanitária	52
7.5.1.Olho-de-pavão – <i>Spilocaea oleagina</i>	54
7.5.2.Gafa da Oliveira - <i>Gloeosporium olivarium</i>	54
7.5.4.Mosca da azeitona - <i>Bractocera oleae</i>	55
7.5.3.Algodão da Oliveira – <i>Euphyllura olivina</i>	55

7.5.5.Cochonilha-negra – <i>Saissetia oleae</i>	56
7.5.6.Traça – <i>Prays oleae</i>	58
7.5.7.Margarónia – <i>Margaronia unionalis</i>	58
7.5.8.Protecção fitossanitária	60
7.5.8.1.Identificação do agente e estimativa do risco	60
7.5.8.2.Comparação com o nível económico de ataque – NEA	63
7.5.8.3.Selecção dos meios de luta	64
7.6.1.Avaliação da maturação da azeitona	72
7.6.Colheita	72
7.6.2.Colheita	74
8.Comparação dos custos e das ajudas recebidas	82
9.Considerações finais	83
Bibliografia	86
Anexos	

Índice de Quadros

Quadro 1: Montante do apoio para a cultura do olival, modulado em função do escalão da área	11
Quadro 2: Superfície de olival em Portugal, por região e aptidão em 2009	12
Quadro 3: Variação em % do número de explorações e superfície entre 1999 e 2009, em Portugal Continental	14
Quadro 4: Variação da dimensão média das explorações entre 1999 e 2009, em Portugal Continental	14
Quadro 5: Produção em toneladas de azeitona em 2010 por região agrária	15
Quadro 6: Área em sequeiro por compasso e densidade	33
Quadro 7: Área em regadio por compasso e densidade	34
Quadro 8: Influência do défice hídrico nos processos de crescimento e produção de azeitona	41
Quadro 9: Total de área em regadio e em sequeiro	44
Quadro 10: Estados fenológicos concelho de Serpa 2010	44
Quadro 11: Parâmetros e periodicidade das análises a realizar no olival em produção integrada	46
Quadro 12: Evolução do consumo de azoto em Portugal entre 1999 e 2009	49
Quadro 13: Número de operações de fertilização efectuadas	49
Quadro 14: Estados fenológicos concelho de Serpa –2010	53
Quadro 15: nº de armadilhas a instalar/área da parcela	62
Quadro 16: Meios de protecção do olival aconselhados em Protecção Integrada	65
Quadro 17: Tratamentos efectuados em 2010	67
Quadro 18: Produtividade mínima de referência nos olivais (ton/ha/ano)	76
Quadro 19: Datas e N° de dias de colheita – sequeiro	77
Quadro 20: Datas e N° de dias de colheita – regadio	78

Índice de Figuras

Fig.1: Representação da densidade de olival em Portugal em 2009	13
Fig.2: Evolução da produção da quantidade de azeitona laborada e azeite produzido em Portugal entre 1995 e 2010	15
Fig.3: Evolução da produção da quantidade de azeitona laborada e azeite produzido no Alentejo entre 1995 e 2010	16
Fig.4: Produção de Azeite no Alentejo em 2010 por sistema de extracção	16
Fig.5: Evolução da produção de azeitona de mesa na CE (1990 a 2010)	17
Fig.6: Evolução da produção de azeite na CE (1990 a 2010)	18
Fig.7: Mapa do concelho de Serpa e localização no Alentejo	19
Fig.8: Área de olival na SAU.	20
Fig.9: Área das explorações em regadio e em sequeiro por escalões	21
Fig.10: Azeitona da cultivar Arbequina	25
Fig.11: Cultivar Cobrançosa	25
Fig.12: Cultivar Cordovil de Serpa	25
Fig.13: Cultivar Galega	26
Fig.14: Cultivar Galega Grada de Serpa	26
Fig.15: Azeitona cultivar Hojiblanca	26
Fig.16: Azeitona cultivar Picual	27
Fig.17: Cultivar Verdeal de Serpa	27
Fig.18: Área por conjunto de cultivares em olival de sequeiro	28
Fig.19: Área por conjunto de cultivares em olival de regadio	29
Fig.20: nº de explorações em sequeiro por compasso	33
Fig.21: nº de explorações em regadio por compasso	34
Fig.22: Área em regadio e em sequeiro por compasso	35
Fig.23: a)Poda manual, b)Lenha da poda na entrelinha do olival, c)Destroçamento da lenha de poda na entrelinha do olival	36
Fig.24: Acumulação de restos vegetais na linha de um olival de Serpa em produção integrada	39
Fig.25: Coberto vegetal da entrelinha de um olival de Serpa em produção integrada	40
Fig.26: Sistema de rega gota-a-gota – um tubo de rega	42
Fig.27: Sistema de rega gota-a-gota – dois tubos de rega	42

Fig.28: N° de explorações em regadio e em sequeiro em função da dimensão	42
Fig.29: Dimensão média das explorações em sequeiro e em regadio	43
Fig.30: Total de área em regadio e em sequeiro	43
Fig.31: Número de operações de fertilização efectuadas	49
Fig.32: Quantidade de azoto aplicado por hectare	50
Fig.33: Relação entre os estados fenológicos da oliveira e a ocorrência de pragas e doenças	53
Fig.34.: Sintomas de olho-de-pavão nos frutos e nas folhas da oliveira	54
Fig.35: Efeitos da Gafa da oliveira	54
Fig.36: a) Forma adulta, b) posturas, c) colónia de algodão	55
Fig.37: a)Adulto capturado, b) orifício de postura, c) observação da azeitona à lupa, d) larva na polpa da azeitona	56
Fig.38: Diferentes fases de desenvolvimento da cochonilha-negra. A- ovos; B - ninfa do 1° instar; C -ninha do 2° instar; D - ninfa do 3° instar; E - ninfa do 4° instar; F - fêmea adulta.	57
Fig.39: Folhas de oliveira revestidas por fumagina	57
Fig.40: Sintomatologia do ataque da traça da oliveira num cacho floral	58
Fig.41: Traças capturadas em armadilhas sexual tipo delta	58
Fig.42: Margarónia capturada em armadilha sexual tipo delta	58
Fig.43: Larva da <i>Margaronia unionalis</i>	58
Fig.44: Estragos provocados pela margarónia nas folhas da oliveira	59
Fig.45: Garrafa mosqueira	61
Fig.46: Armadilha tipo delta com difusor de feromona	61
Fig.47: Delimitação e divisão da armadilha cromotrópica, em sectores	62
Fig.48: total de pragas e doenças tratadas em 2010	67
Fig.49: NEA do Olho de Pavão – média de tratamentos efectuados	68
Fig.50: NEA do Algodão – média de tratamentos efectuados	68
Fig.51: NEA do Margarónia – média de tratamentos efectuados	69
Fig.52: NEA da Traça da oliveira – média de tratamentos efectuados	69
Fig.53: NEA da Mosca da azeitona – média de tratamentos efectuados	70
Fig.54: Variação da cor da azeitona	72
Fig.55: Cálculo do índice de maturação	73
Fig.56: Colheita com vibrador de ramos	74

Fig.57: Colheita com vibrador de tronco com “chapéu-de-chuva”	75
Fig.58: Colheita com vibradores automotrizes	75
Fig.59: Colheita com vibradores automotrizes	75
Fig.60: Nº de dias de colheita por escalão de área – sequeiro	77
Fig.61: Nº de dias de colheita por escalão de área – regadio	78
Fig.62: Datas de entrega de azeitona nos lagares e ocorrência de precipitação	79
Fig.63: Produção em Kg de azeitona	80
Fig.64: Produção média em Kg de azeitona por hectare	80
Fig.65: Rótulo do Modo de Produção Integrada	85